

trabalho de toda a máquina – o ciclo dos mundos – depois que todas as suas partes tenham passado a existir.

(1) Consideração correta. Nada na natureza passa subitamente a existir. Tudo está sujeito à mesma lei da evolução gradual. Uma vez que tenha compreendido o processo do *maha-ciclo*³ de uma única esfera, você terá compreendido a todas elas. Um homem nasce como o outro; uma raça surge, se desenvolve e declina como a outra – e como todas as outras raças. A natureza segue o mesmo curso, desde a “criação” de um universo até a de um mosquito. Ao estudar a cosmogonia esotérica, tenha presente uma visão espiritual do processo fisiológico do nascimento humano; avance da causa para o efeito, estabelecendo, à medida que prossegue, analogias entre o nascimento de um homem e o de um mundo. Em nossa doutrina você sentirá a necessidade de seguir o método sintético; terá de abarcar o todo, isto é, fundir o macrocosmo e o microcosmo; antes de estar capacitado para estudar as partes separadamente ou analisá-las de modo proveitoso para sua compreensão. A Cosmologia é a fisiologia do universo espiritualizado, porque há uma só lei.

(2) Considerando o meio de um período de atividade entre dois pralayas, isto é, de um manvantara – o que entendo que ocorre é o seguinte. Os átomos são polarizados na região mais alta de efluxo espiritual, atrás do véu da matéria cósmica primitiva. O impulso magnético que realizou isso passa rapidamente de uma forma mineral para outra, dentro da primeira esfera, até que, tendo já percorrido a ronda de existência nesse reino da primeira esfera, desce numa corrente de atração até a segunda esfera.

(2) Eles se polarizam durante o processo de movimento e são impelidos pela Força irresistível que está em operação. Na Cosmogonia e no trabalho da natureza, as forças positivas e negativas, ou ativas e passivas, correspondem aos princípios masculino e feminino. O seu “efluxo espiritual” não vem de “atrás do véu”, mas é a semente masculina caindo no véu da matéria cósmica. O ativo é atraído pelo princípio passivo e o Grande Nag, a serpente, emblema da eternidade, atrai a sua cauda para a sua própria boca, formando assim um círculo (ciclos na eternidade) naquela incessante busca do negativo por parte do positivo. Daí o emblema do *lingam*, do *phallus* e do *kteis*. O principal e único atributo

³ *Maha-ciclo* – grande ciclo. (N. ed. bras.)

do princípio espiritual universal – o doador de vida inconsciente mas sempre ativo – é o de expandir-se e derramar-se; o do princípio material universal é recolher e fecundar. Inconscientes e não-existentes, quando separados, eles se tornam consciência e vida quando reunidos. Daí novamente – Brahma, da raiz “brih”, a palavra sânscrita que significa “expandir, crescer ou frutificar”, sendo Brahma apenas a força vivificadora *expansiva* da natureza na sua evolução eterna.

(3) Os mundos dos efeitos ocorrem entre os mundos de atividade na série descendente?

(3) Os mundos dos efeitos não são lokas ou localidades. Eles são a sombra do mundo das causas, suas almas – mundos que possuem, como os homens, seus sete princípios⁴, que se desenvolvem e crescem simultaneamente com o corpo. Deste modo, o *corpo* do homem está unido ao corpo do seu planeta e permanece para sempre dentro dele; seu princípio vital individual, *jivatma*, aquele que na fisiologia se chama espírito animal, retorna, depois da morte, à sua fonte – *Fohat*; seu *linga shariram* será absorvido no *Akasha*; seu *Kamarupa* se recombinará com o *Shakti*⁵ Universal – a Força-Vontade, ou energia universal; sua “alma animal”, tomada por empréstimo do alento da *Mente Universal*, retornará aos Dhyán Chohans; o seu sexto princípio – seja ele absorvido ou ejetado pela matriz do Grande Princípio Passivo, terá que permanecer na sua própria esfera – seja como uma parte da matéria-prima ou como uma entidade individualizada para renascer num mundo superior das causas. O sétimo o tirará do Devachan e seguirá o novo *Ego* ao seu lugar de renascimento...

⁴ Os sete princípios ou dimensões da consciência humana, segundo a obra de H.P. Blavatsky e os escritos dos Mahatmas, são: 1º – sthula sharira, o corpo físico; 2º – prana, ou Jivatma, o princípio vital, a vitalidade. 3º – linga sharira, o modelo, o arquétipo astral; 4º – kama, às vezes chamado de kama-rupa, o princípio das paixões e dos sentimentos animais; 5º – manas, a mente, a inteligência, o princípio dual, que ora se volta para o mundo espiritual, ora se volta para o mundo dos cinco sentidos, e aqui é referida como “alma animal”; 6º – buddhi, o princípio da compaixão universal, a alma espiritual; e 7º – atma, o princípio que é uno com o Absoluto, o espírito supremo. (N. ed. bras.)

⁵ *Shakti* também pode ser escrita “sakti”. O sentido de usar “sh” é indicar a pronúncia correta. (N. ed. bras.)

(4) Aquele impulso magnético que ainda não pode ser concebido como uma individualidade entra na segunda esfera⁶, no mesmo reino (o mineral) ao qual pertencera na primeira esfera, e completa ali a ronda de encarnações minerais, passando, então, para a terceira esfera. A nossa Terra é ainda uma esfera necessária para ele. Daí passa a uma série ascendente – e da mais alta dessas, passa ao reino vegetal da primeira esfera.

Sem nenhum novo impulso de força criativa vinda de cima, sua evolução através do ciclo dos mundos como um princípio mineral desenvolveu algumas novas atrações ou uma polarização que o leva a assumir a mais baixa das formas vegetais. Nas formas vegetais ele passa sucessivamente através de um ciclo de mundos, sendo todo o processo ainda um círculo de necessidade (já que não se pode atribuir responsabilidade a uma individualidade inconsciente, e, portanto, esta não pode ainda, em nenhuma etapa do seu progresso, fazer algo para escolher um ou outro entre caminhos divergentes). Ou será que existe algo mesmo na vida de um vegetal que, embora não seja responsabilidade, possa levá-lo para cima ou para baixo, neste estágio decisivo do seu progresso?

Tendo completado todo o ciclo como vegetal, a individualidade crescente expande-se no próximo circuito, adquirindo forma animal.

(4) A evolução dos mundos não pode ser considerada como separada da evolução de tudo que foi criado ou existe nestes mundos. Suas concepções estabelecidas de cosmogonia – seja do ponto de vista teológico ou científico – não permitem resolver nem um simples problema antropológico ou mesmo étnico, e elas constituem obstáculos cada vez que você tenta decifrar o problema das raças neste planeta. Quando alguém começa a falar da criação e da origem do homem, choca-se constantemente contra os fatos. Continue dizendo: “Nosso planeta e o homem foram criados” – e estará lutando sempre contra a dura realidade, analisando detalhes sem importância e perdendo tempo com eles, incapaz de compreender o todo. Mas tudo ficará mais claro uma vez que você admita que o nosso planeta e nós mesmos não somos mais *criações* do que o iceberg que tenho neste momento diante de mim (na casa do nosso caro K. H.) mas que ambos, o planeta e o homem, são estados correspondentes a um determinado tempo; que sua aparência atual – geológica e antropológica – é transitória, e apenas uma condição própria daquele estado de evolução a que chegaram no ciclo descendente e tudo ficará claro. Você compreenderá facilmente o que significa o “primeiro

⁶ Esfera ou globo. No original em inglês, *sphere*. (N. ed. bras.)

reino mineral, que faz a ronda da evolução mineral. Quando esta se completa, a esfera B se torna objetiva e atrai para si a *vida* que completou a sua ronda na esfera A e que se tornou excedente (a fonte da vida é inesgotável, pois é a própria Aracnê⁹, condenada a tecer eternamente a sua teia – salvo nos períodos de pralaya). Depois surge a vida vegetal na esfera A e o mesmo processo se verifica. No seu curso descendente “a vida” se torna cada vez mais densa, mais material; em seu curso ascendente, mais vaga e indistinta. Não – não há, nem pode haver, nenhuma responsabilidade, até o momento em que matéria e espírito estejam adequadamente equilibrados. Até chegar ao *homem* a “vida” não tem responsabilidade alguma; assim como ocorre com o feto que, no ventre materno, passa através de todas as formas de vida – como um mineral, um vegetal, um animal, para se tornar, finalmente, um *homem*.

(5) De onde recebe o homem o seu quinto princípio, a alma animal? A potencialidade deste princípio está presente desde o início no impulso magnético original que constitui o mineral, ou em cada transição desde o último mundo no lado ascendente até a esfera I, atravessa, por assim dizer, um oceano de espírito e assimila algum novo princípio?

(5) Assim, você vê que o *quinto* princípio do homem evoluiu de *dentro dele mesmo*, tendo o homem, como você bem diz, “a potencialidade” de todos os sete princípios em embrião, desde o primeiro instante em que ele aparece no primeiro mundo das causas como um vago sopro, que se coagula e solidifica junto com a *esfera matriz*. (*parent sphere*)

O Espírito, ou VIDA, é indivisível. E quando falamos do sétimo princípio, não pensamos em uma qualidade, nem em uma forma, mas no *espaço* ocupado naquele *oceano* de espírito pelos resultados ou efeitos nele impressos (benéficos, como são todos os de um colaborador da Natureza).

(6) Desde a forma animal (não-humana) mais elevada, na esfera I, como a vida chega à esfera II? É inconcebível que possa descer à forma animal mais baixa nesta esfera, mas, como pode, de outro modo, percorrer todo o círculo de vida em cada planeta, sucessivamente?

⁹ *Aracnê* – Na mitologia grega, *Aracnê* foi uma mulher da Lídia que desafiou a deusa *Athena* para uma disputa em que veriam qual das duas podia tecer mais e melhor e, como castigo por seu atrevimento, foi transformada em uma aranha. *Athena* – a Minerva dos romanos – era a deusa da fertilidade e da sabedoria. (N. ed. bras.)

Se ele percorre o seu ciclo numa espiral (isto é, da forma 1 da esfera II, etc. – e então para a forma 2 da esfera I, II, III, etc., e depois para a forma 3 da esfera I... até a última), então, me parece que a mesma regra tem que ser aplicada às individualidades minerais e vegetais, se é que elas podem ser chamadas assim; no entanto algumas coisas que me foram ditas parecem contradizer isso. (Apresente-as, que serão *respondidas e explicadas*).

Por enquanto, porém, devo trabalhar conforme essa hipótese. (Tendo já percorrido o ciclo na forma animal mais elevada, a alma animal adquire, em seu próximo mergulho no oceano de espírito, o sétimo princípio, que lhe dá um sexto. Isto determina seu futuro na Terra e, ao final da vida terrena, tem suficiente vitalidade para manter uma atração própria pelo sétimo princípio, ou o perde e deixa de existir como entidade separada. Tudo isso está mal concebido.)

O sétimo princípio está sempre presente como uma força latente em cada um dos princípios – mesmo no corpo. Como o *Todo* macrocósmico, esse princípio está presente até mesmo na esfera *inferior*, mas não há nada ali que possa assimilá-lo.

(6) Por que “inconcebível”? Já que a forma animal mais elevada da esfera I ou A é *irresponsável*, não há degradação no fato de ela submergir na esfera II ou B como uma parte infinitesimal desta última. Durante o seu curso ascendente, como lhe foi dito, o homem encontra até mesmo a forma animal mais baixa *lá* – em um plano mais elevado do que aquele em que ele próprio estava na Terra. Como você sabe que os homens, os animais, e mesmo a vida em seu estágio incipiente não estão mil vezes mais elevados naquela esfera do que aqui? Além disso, cada reino (e há sete – enquanto vocês só têm três) é subdividido em *sete* graus ou tipos. O homem (fisicamente) é uma combinação de todos os reinos e, espiritualmente, a sua individualidade não é pior quando está encerrada dentro do corpo de uma formiga do que quando anima um rei. Não é a forma *externa* ou física que desonra e polui os cinco princípios – mas a perversidade *mental*. Assim, só quando chega à quarta ronda, quando atingiu a posse completa de sua energia de *kama*, e está plenamente maduro, é que o homem torna-se completamente responsável; assim como na sexta pode converter-se num Buda, e na sétima, antes do Pralaya, em um “Dhyan Chohan”¹⁰. O mineral, o vegetal, o ho-

¹⁰ Dhyan Chohan – espírito planetário. (N. ed. bras.)

mem-animal, todos têm que percorrer suas sete rondas durante o período de atividade terrestre – o *Maha Yug*. Não entrarei aqui em detalhes sobre a evolução mineral ou vegetal, mas irei me referir somente ao homem – ou *homem-animal*. Ele começa a sua descida na condição de uma entidade puramente espiritual – um sétimo princípio inconsciente (um *Parabrahm*¹¹ em contraste com o *Para-parabrahm*), – e com os embriões dos outros seis princípios latentes ou adormecidos nele. Ele ganha solidez em cada esfera – os seus seis princípios ao passar pelos mundos dos efeitos, e a sua forma externa pelos mundos das causas (para esses mundos ou etapas do arco descendente nós temos outros nomes), quando chega ao nosso planeta é apenas um glorioso foco de luz sobre uma esfera, que em si mesma ainda é pura e incontaminada (porque o gênero humano e cada coisa viva nela aumentam a sua materialidade juntamente com o planeta). Nesse estágio o nosso globo é como a cabeça de uma criança recém-nascida – macia e com traços indefinidos – e o homem como *Adão* antes que *o hálito da vida tivesse sido insuflado em suas narinas* (cito suas próprias e malfeitas Escrituras para sua melhor compreensão)¹². Para o homem e para a natureza (do nosso planeta) é um dia – o primeiro (veja a tradição distorcida em sua Bíblia). O homem nº 1 faz sua aparição no ápice do círculo das esferas, na esfera nº 1, depois de haver completado as sete rondas ou períodos dos dois reinos (conhecidos por você) e assim, se diz que foi criado no oitavo dia (veja a Bíblia, Capítulo II¹³; observe os versículos 5 e 6 e pense no que se quis dizer ali por “manancial”¹⁴, e o versículo 7, no qual a LEI, a grande construtora universal, é chamada de “Deus” por cristãos e judeus e compreendida como *Evolução* pelos cabalistas). Durante essa primeira ronda o “homem-animal” percorre o seu ciclo, como você diz, em uma espiral. No arco descendente – de onde *ele começa, depois de completar a sétima ronda de vida animal*, as suas próprias sete rondas individuais, ele tem que entrar em cada esfera não como um *animal inferior*, como você pensa, mas como um *homem inferior*, já que durante o ciclo que antecedeu a sua ronda como homem ele fez o percurso como o tipo mais elevado de

¹¹ *Parabrahm* – o mesmo que *Parabrahman*. (N. ed. bras.)

¹² Veja Gênesis, 2:7. (N. ed. bras.)

¹³ Gênesis. (N. ed. bras.)

¹⁴ Conforme a *Bíblia de Jerusalém*, Edições Paulinas, manancial. No original em inglês, *mist*. (N. ed. bras.)

animal. O “Senhor Deus” de vocês, diz a Bíblia, capítulo I, versículos 25 e 26, depois de ter feito *tudo*, disse: “Façamos o homem à nossa imagem”, etc., e criou o homem – um *símio andrógino!* (extinto em nosso planeta), o mais elevado em inteligência no reino animal, e cujos descendentes você encontrará nos antropóides de hoje. Você negará a possibilidade de que o antropóide mais elevado, na próxima esfera, seja superior em inteligência a alguns homens aqui em baixo – selvagens por exemplo, a raça dos pigmeus da África e os nossos próprios vedhas do Ceilão¹⁵? Mas o homem não tem que passar por semelhante “degradação”, depois que alcançou o quarto estágio das suas rondas cíclicas. Assim como as *vidas* e seres inferiores, durante a sua primeira, segunda e terceira ronda, e enquanto ele for um conjunto irresponsável de matéria *pura* e espírito *puro* (nenhum deles maculado ainda pela consciência de seus possíveis propósitos e procedimentos) procedente da esfera I, onde ele já cumpriu a sua ronda setenária *local* de processo evolucionário, desde o grau mais inferior da espécie mais elevada de – digamos – antropóides, até o homem rudimentar, ele certamente entra na esfera nº 2 na qualidade de *símio* (uso essa palavra para uma melhor compreensão sua). Nesta ronda ou estágio a individualidade está tão adormecida no homem como a de um feto durante o seu período de gestação. Não tem consciência, nem sensibilidade, porque começa como um homem astral rudimentar, e chega ao nosso planeta como um homem físico primitivo. Até agora é apenas uma continuidade de movimentos mecânicos. A vontade e a consciência são ao mesmo tempo autodeterminadas e determinadas por causas, e a vontade, a inteligência e a consciência do homem só despertarão quando o seu quarto princípio, *kama*, estiver amadurecido e completado por seu contato (*seriatim*)¹⁶ com as forças de *Kama*, energizadoras de todas as formas pelas quais o homem passou durante as suas três rondas anteriores. A humanidade atual encontra-se em sua *quarta* ronda (a humanidade entendida como gênero ou espécie, não como *RAÇA*, *nota bene*¹⁷), do ciclo evolutivo *pós-pralaya*; e assim como as suas diferentes raças, também as entidades individuais em cada raça cumprem inconscientemente seus ciclos terrestres setenários *locais*; daí

¹⁵ Ceilão – atual Sri Lanka. (N.ed. bras.)

¹⁶ *Seriatim* – “Seriado, encadeado” em latim. (N. ed. bras.)

¹⁷ *Nota bene* – “observe bem”, em latim. (N. ed. bras.)

a enorme diferença em seus graus de inteligência, energia e assim por diante. Agora, cada individualidade será seguida no seu arco ascendente pela lei da retribuição – carma e morte, do modo apropriado. O homem perfeito ou a entidade que alcançou a perfeição plena (por haver amadurecido cada um dos seus sete princípios) não renascerá aqui. Seu ciclo terrestre local se completou, e tem que seguir adiante, ou – ser aniquilado como individualidade. (As entidades incompletas têm que renascer, reencarnar)¹⁸. Em sua quinta ronda, depois de um Nirvana parcial quando se alcança o zênite do grande ciclo, as individualidades assumem a responsabilidade dali em diante em sua descida de esfera em esfera, já que deverão aparecer sobre esta Terra como uma raça ainda mais perfeita e intelectual. Este curso descendente ainda não começou, mas começará logo. Mas quantos e quantos serão destruídos no caminho!

O que foi dito antes é a regra. Os Budas e os *Avatares* formam a exceção e, de fato, temos, ainda, alguns *Avatares* que ficaram conosco na Terra.

(7) Tendo a alma animal perdido, digamos, em sucessivas passagens em volta do ciclo, o impulso que a levava até além da senda divergente para baixo, que começa aqui, ela cai no mundo inferior durante o ciclo relativamente breve no qual a sua individualidade se dissipa.

Mas este só seria o caso da alma animal que não tivesse, em sua união com o espírito, desenvolvido um sexto princípio durável. Se tivesse feito isso, e se o sexto princípio, atraindo para si a individualidade do homem completo, tivesse debilitado assim o quinto princípio inferior – como a flor de áloe quando se ergue faz com que suas folhas murchem – então a alma animal não teria coesão suficiente para entrar em outra existência no mundo inferior e logo desapareceria na esfera de atração desta Terra.

(7) Reformulando os seus conceitos conforme o que eu disse acima você compreenderá melhor agora.

Toda a individualidade é centrada nos três princípios médios, ou seja, o terceiro, o quarto e o quinto. Durante a vida terrestre ela está toda no quarto, o centro de energia, volição – vontade. O sr. Hume defi-

¹⁸ A propósito: reescreverei para você as páginas 345 até 357 de *Ísis*, vol. I – muito confusas e desordenadas por Olcott, que pensava que estava melhorando-as! (Nota do Mahatma)

niu perfeitamente a diferença entre personalidade e individualidade. A primeira dificilmente sobrevive; a segunda, para percorrer com êxito seus cursos setenários descendente e ascendente, tem de incorporar em si mesma a força vital eterna que reside somente no sétimo princípio e então unir os três (quarto, quinto e sétimo) em um – o sexto. Os que chegam a fazê-lo se convertem em Budas, Dhyan Chohans, etc. O propósito principal de nossos esforços e *iniciações* é alcançar esta união enquanto estamos nesta Terra. Aqueles que tiverem êxito nada terão a temer durante a quinta, a sexta e a sétima ronda. Mas isso é um mistério. Nosso caro K. H. está a caminho da meta – a mais elevada de todas, tanto nesta esfera como além.

Tenho que agradecer a você por tudo que fez pelos nossos dois amigos. *É uma dívida de gratidão que temos com você.*

M.

Durante algum tempo não terá notícias minhas, nem direta nem indiretamente. **PREPARE-SE.**

Carta nº 45 (ML-44) Recebida em fevereiro de 1882

Sinnett, não sabendo que o Mahatma K.H. havia escrito para ele, pois ainda não havia recebido a carta, mandou outra carta para M., que muito atenciosamente respondeu.

Parte do texto se refere ao médium William Eglinton, a quem o Mahatma chama aqui de “o pobre rapaz sensitivo”. Eglinton parece ter sido um ótimo médium; dizia-se que ele nunca recorria a fraudes. Ele tinha, contudo, um bom número de fraquezas pessoais. Deve-se lembrar que houve alguns indícios de que o Mahatma K.H. chegou a pensar em trazê-lo para Simla, para uma série de treinamentos com o objetivo de que pudesse ser aproveitado no trabalho deles, mas depois que Eglinton chegou a Calcutá K.H. decidiu não fazê-lo.

Recebida em Allahabad, fevereiro de 1882.

Sua carta foi dirigida a mim, pois você não sabia que K.H. havia retomado contato com você. Entretanto, como se dirigiu a mim, responderei. “Faça isso, sem dúvida: vá em frente.” O resultado pode ser desastroso para o Espiritismo, ainda que seja provada a realidade dos